



EDIÇÃO Nº 13 – Volume I , JANEIRO
DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/11/2013

TEORIAS SOBRE A ORDEM E AS ESTRUTURAS INTERROGATIVAS

Nataniel dos Santos Gomes

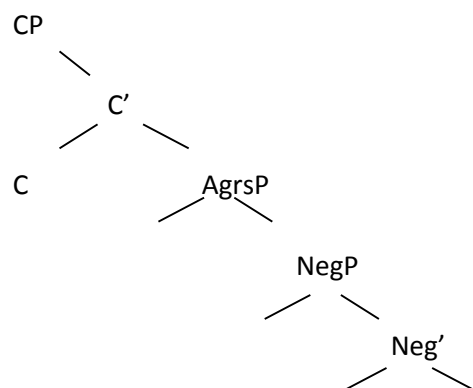
UEMS

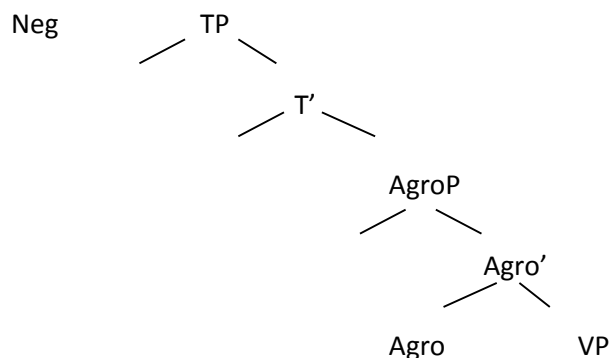
A Gramática Gerativa representa as orações e explica as causas que determinam o deslocamento dos constituintes, provocando a alteração da ordem básica das línguas naturais.

Desde Pollock (1989) e Chomsky (1989), a estrutura oracional é vista como sendo constituída por projeções funcionais, além da projeção lexical: o VP. Assim, a estrutura oracional é dividida em três camadas: a camada lexical, constituída pelo VP, a camada flexional, constituída pelo IP; e a camada reservada ao sintagma complementizador: o CP.

1. A arquitetura oracional

A camada flexional é decomposta em TP (Temporal Phrase/Sintagma Temporal); Agrs P (Agreement Phrase/Sintagma de Concordância de Sujeito; Agro P (Agreement Phrase/Sintagma de Concordância do Objeto) e Neg P (Negation Phrase/Sintagma de Negação). A representação abaixo ilustra essa composição funcional:





Essa hipótese que divide a área flexional da oração em diversas categorias funcionais ficou conhecida como *Split – IP Hypothesis*.

Nessa fase de desenvolvimento da teoria, postulava-se que a morfologia flexional era gerada no núcleo das categorias funcionais. Segundo Pollock, em algumas línguas, como o francês, o verbo sobe para “pegar” a sua flexão.

Para se verificar se um constituinte oracional foi movido ou não, utiliza-se como evidência a posição dos advérbios, dos quantificadores e da negação em relação ao sujeito, ao verbo e ao objeto. Pollock propôs que os advérbios eram gerados em adjunção à esquerda do VP. Sendo assim, se um constituinte ocorresse à esquerda do advérbio, por exemplo, era sinal de que ele se moveu para alguma categoria funcional acima do VP. Se o constituinte ocorresse à direita do advérbio, era sinal de que ele continuava dentro do VP.

Em francês, postula-se que tanto o sujeito quanto o verbo se movem para as categorias funcionais acima do VP, uma vez que ambos ocorrem à esquerda do advérbio e da negação (*pas*):

(1) Jean embrasse *souvent* Marie

Em inglês, todavia, como apenas o sujeito aparece à esquerda do advérbio, postula-se que somente ele é movido em sintaxe aberta. O verbo permanece *in situ* e adquire a sua morfologia por meio de uma regra de abaixamento – *affix hopping*. Isto é, a morfologia flexional se move até o VP:



EDIÇÃO Nº 13 – Volume I , JANEIRO
DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/11/2013

(2) John *often* kisses Mary

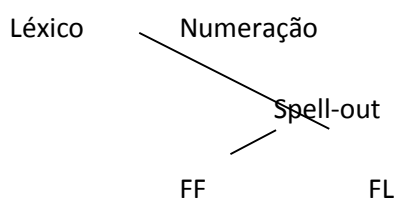
2. O Programa Minimalista

A partir do Programa Minimalista (Chomsky, 1993 e 1995), postula-se que todos os constituintes oracionais já saem do léxico plenamente flexionados. Assim, o movimento de constituintes deixa de ser motivado pela aquisição da flexão. Chomsky adota, então, a hipótese lexicalista forte para justificar a ocorrência de formas flexionadas.

De acordo com esse programa de pesquisa (cf. Jang, 2000), que procura explicar o fenômeno da linguagem em termos de simplicidade, economia e não redundância, os níveis de representação linguística são apenas dois: Forma Fonológica (FF) e Forma Lógica (FL). Essa simplificação no modelo se baseia no fato de que a linguagem humana é composta apenas de som e significado. Sendo assim, os níveis internos ao Sistema Linguístico – Estrutura Profunda e Estrutura Superficial, presentes até a época da Teoria de Regência e Ligação, deixam de ser necessários.

FL e FF formam os níveis de interface com os sistemas de desempenho. A FF é o nível de interface com os sistemas sensório-motores (Articulatório-Perceptual). A FL é o nível de interface com os sistemas do pensamento (Conceptual-Intencional).

O modelo da gramática passa a ser constituído por um léxico, uma numeração, FF e FL, conforme ilustra a representação abaixo:





EDIÇÃO Nº 13 – Volume I , JANEIRO
DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/11/2013

Como o Programa Minimalista é um modelo econômico, exige que as derivações das expressões linguísticas sejam efetuadas da maneira mais econômica possível. O Princípio da Economia impõe limites na questão do movimento de constituintes. O movimento sintático só opera como último recurso (*Last Resort*). Isso implica na inexistência de movimento opcional.

Além do Princípio da Economia existe outro, o da Interpretação Plena que exige que as representações nas interfaces FF e FL devem conter apenas informações relevantes que possam ser interpretadas pelos sistemas de desempenho com os quais constituem interfaces.

Os itens lexicais são definidos como feixes de traços de diferentes naturezas: fonológica, semântica e formal. Esses itens lexicais são retirados do léxico e colocados na Numeração. A partir de operações sintáticas são concatenados e/ou movidos, formando assim as estruturas.

Quando a derivação vai para *Spell-Out*, os traços fonológicos são extraídos e enviados para o componente FF. Os traços semânticos e alguns traços formais se mantêm na derivação até FL.

Os traços formais são das seguintes naturezas: categoriais (V, N, A); traços-phi (número, pessoa, gênero); traços de caso e traços fortes e fracos. Estes últimos são atribuídos apenas às categorias funcionais e não aos itens lexicais e são os que determinam o movimento de constituintes.

Tanto as categorias funcionais quanto os itens lexicais contêm traços formais que devem ser checados uns com os outros.

Chomsky (1993) assume que os núcleos funcionais possuem traços nominais (N) e verbais (V) que devem ser checados por sintagmas nominais e por verbos respectivamente nas posições de seus especificadores e de seus núcleos. É o mecanismo de checagem de traços que elimina os traços formais dos núcleos funcionais.

Os traços V e N dos núcleos funcionais podem ser fortes ou fracos. Quando fortes, desencadeiam o movimento do constituinte relevante em sintaxe aberta para serem eliminados antes de *Spell-Out*. Quando fracos, o movimento é encoberto; isto é, se dá na FL.

Em francês, por exemplo, *Agrs* teria, de acordo com essa teoria, traços N e V fortes, o que provoca o movimento do sujeito e do verbo para as posições de seu especificador e de seu núcleo. Já em inglês, os traços V dos núcleos funcionais são fracos e assim são checados em FL.



EDIÇÃO Nº 13 – Volume I , JANEIRO
DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/11/2013

De acordo com essa visão, a ordem universal no momento da concatenação do sujeito, do verbo e do objeto é SVO. Essa é uma hipótese de Kayne (1994), conhecida na Literatura como *Linear Correspondence Axiom (LCA)* segundo a qual se um nó não terminal – X – c-comanda assimetricamente outro nó terminal – Y, então ele vai precedê-lo na linearização dos elementos terminais. Então, segundo o LCA, o sujeito vai preceder o verbo e este, o objeto na linearização. A partir de ordem universal SVO, as ordens SOV e VSO, por exemplo, são derivadas a partir do movimento de constituintes para as categorias funcionais na área da flexão. A ordem SOV pode ser vista como derivada do deslocamento do objeto e do verbo para as posições de especificador e núcleo de Agr P, respectivamente.

A variação interlinguística é explicada pelas propriedades forte/fraca dos traços dos núcleos funcionais. São essas propriedades que determinam movimento sintático. Isso foi visto com a variação da ordem oracional: SVO, SOV, VSO, etc. Outra possibilidade de variação reside no parâmetro do movimento de Qu-. Em línguas como o inglês e o português que apresentam movimento de palavra interrogativa para [Spec, CP], diz-se que C tem traços [Qu] fortes. Já em línguas como o japonês e o coreano, em que a palavra interrogativa permanece *in situ*, pressupõe-se que C tem traços [Qu] fracos.

Em Chomsky (1995), foi proposta ainda a eliminação das categorias Agrs e Agro. O motivo para tal eliminação tem a ver com a questão da interpretabilidade dessas categorias. Enquanto o complementizador (C), Tempo (T) e o determinante (D) possuem um papel na interpretação da sentença, Agr não possui nenhuma interpretação semântica.

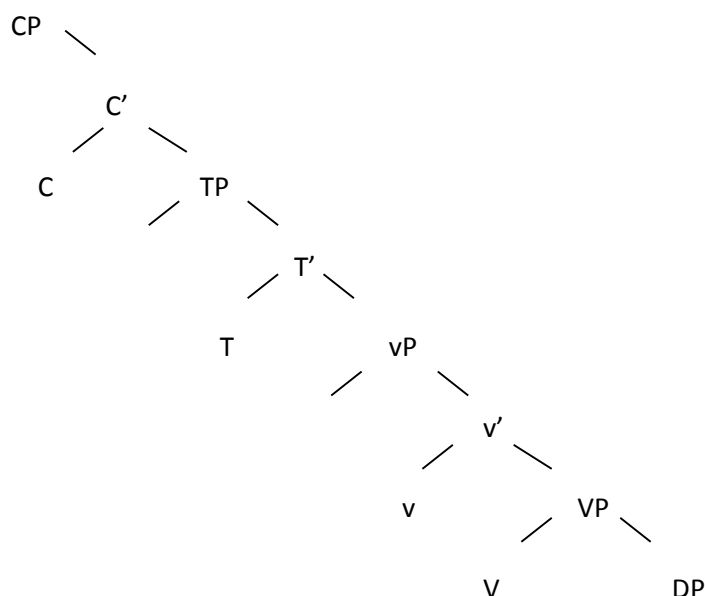
Segundo Jang, Agr não carrega nenhum traço de caso, além de não exibir conteúdo semântico. Traço de caso nominativo é uma propriedade inerente de T. Traço de caso acusativo é uma propriedade do verbo. Sendo assim, Agr é descartado como uma possível categoria funcional.

Para compensar a eliminação de Agr, Chomsky introduz uma nova categoria funcional – *vezinho (v)* ou verbo leve – que é o núcleo da construção transitiva/causativa e introduz um argumento externo – o sujeito agente.

Vezinho também carrega traços de caso acusativo e traços-phi, referentes ao objeto e que são checados pelo sintagma objeto e pelo verbo.

Além da introdução do *vezinho*, Chomsky admite a ocorrência de especificadores múltiplos para as categorias *v* e T. Assim, fica explicada, por exemplo, a ocorrência da ordem OV. Neste caso, o objeto se desloca para a posição de especificador mais externa de VP e o verbo se move para o núcleo de *v*.

A representação oracional passa a ser constituída por C, T e *v*, conforme ilustra a representação abaixo:



Chomsky (2000) (cf. Kandybowicz, 2006), com a finalidade de reduzir ainda mais o fardo do sistema computacional, propõe a ideia de fases. De acordo com essa ideia, a operação de *Spell-Out* pode ocorrer várias vezes durante a derivação sintática. A noção de fases está relacionada com a de unidades que possuem interpretações semânticas completas e independentes. *vP* está correlacionado com um evento com todos os seus participantes. CP está correlacionado com uma proposição completa que inclui tempo e noções discursivas. Então, *vP* e CP são fases em que a derivação é enviada para *Spell-Out*.

As outras mudanças foram implementadas a partir daí. Como não há mais Agr, todos os movimentos de argumentos são motivados pelos traços EPP de T para sujeitos, e de *v* para objetos.



EDIÇÃO Nº 13 – Volume I , JANEIRO
DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/11/2013

Outra mudança, a partir de 2000 Chomsky abandona a posição lexicalista forte que assume que todos os itens lexicais já saem flexionados do léxico, para adotar ideias semelhantes àquelas da Morfologia Distribuída, como a Inserção Tardia de matéria flexional e de a sintaxe operar somente com traços formais. Então, a informação fonológica passa a ser inserida após a sintaxe.

Em um caminho inverso ao proposto pelo Programa Minimalista de Chomsky, cuja tendência é reduzir a estrutura sintática a um número mínimo de projeções, surge com Rizzi, a partir de 1997, a abordagem cartográfica para a arquitetura oracional. Segundo tal abordagem, noções semânticas e discursivas, como tópico, foco, contraste e diferentes tipos de aspectos, são tratadas como núcleos funcionais que projetam seus próprios sintagmas na oração. Surge então, a hipótese sobre a periferia esquerda da oração, conforme foi mencionado a seguir.

3. A periferia esquerda da oração

Rizzi (1997 e 2004) propõe que o CP seja composto de algumas categorias funcionais. A esse complexo de projeções à esquerda do IP, o autor dá o nome de periferia esquerda da oração.

O sistema complementizador teria dois núcleos fixos: Força e Finitude. Força distingue os tipos de oração: declarativa, interrogativa, relativa, orações adverbiais, etc. O núcleo Finitude distingue entre orações finitas e não finitas. Esses dois núcleos podem se juntar em único núcleo.

Além de Força e Finitude, o sistema complementizador pode envolver mais dois núcleos funcionais quando ativados, aos quais Rizzi denomina de Tópico e de Foco. Quando Foco ou Tópico são ativados, percebe-se melhor a presença dos núcleos Força e Finitude.

Os exemplos do Italiano abaixo contêm um tópico e dois diferentes complementizadores “que”, introduzindo uma oração finita e “de”, uma oração não-finita.

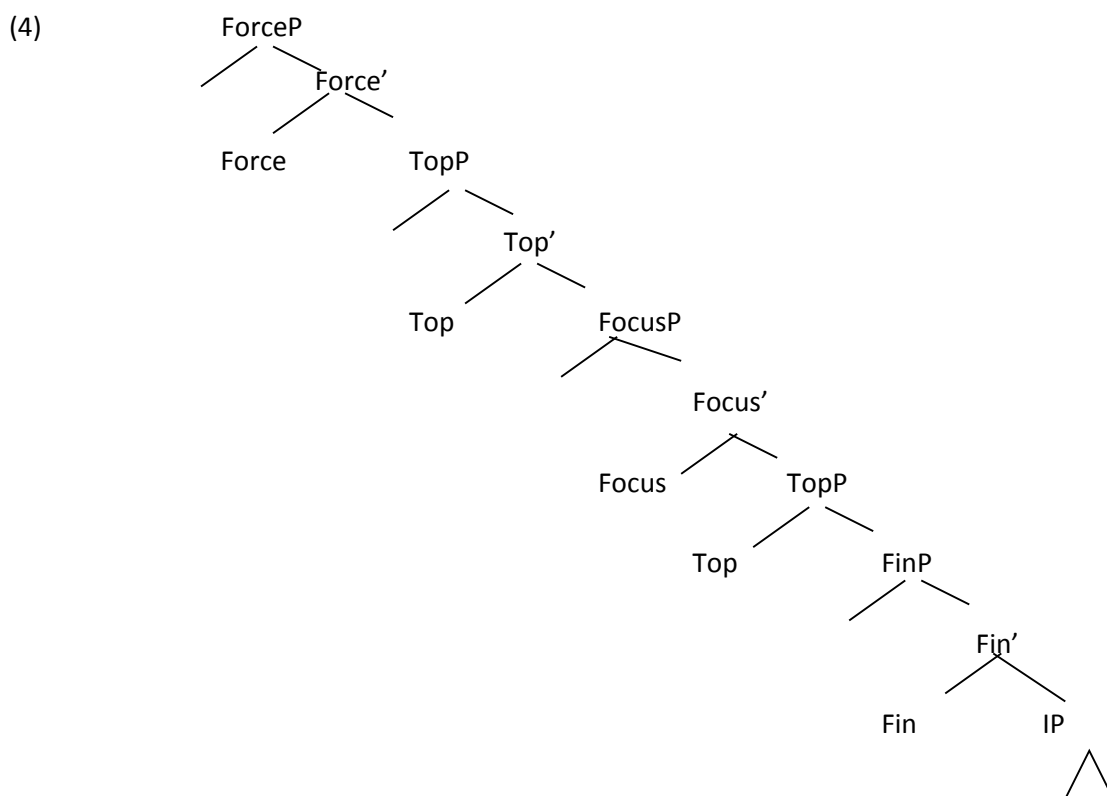
(2) (a) Maria crede che, il tuo libro lo potrà leggere.

Maria acredita que o teu livro, ela poderá ler.

- (b) * Maria crede il tuo libro che lo potrà leggere
- (3) (a) Maria credi il tuo libro, di poterlo leggere
- (b) * Maria credi di el tuo libro poterlo leggere.

Verificou-se nos exemplos acima que o complementizador “que” deve preceder o elemento em tópico, mas o complementizador “de” deve seguir o elemento em tópico. Essas diferentes posições ocupadas pelos complementizadores em italiano, levaram Rizzi a sugerir que “que” estaria no núcleo do sintagma Força, enquanto “de”, que introduz orações infinitivas, estaria no núcleo do sintagma Finitude. O tópico deveria, então, ser representado em uma categoria funcional entre Força e Finitude.

Rizzi assume também que pode haver duas posições de tópico, uma acima e outra abaixo de Foco, conforme mostra a representação abaixo:





EDIÇÃO Nº 13 – Volume I , JANEIRO
DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/11/2013

É assumido na literatura que palavras interrogativas podem se mover para [Spec,CP] quando C tem um traço de EPP para ser checado. C também pode atrair para si, verbos auxiliares, mediante movimento sintático. O movimento de verbos para C^o é observado em línguas como o alemão que obedecem ao fenômeno de V2 e em línguas, como o inglês, em que o auxiliar deve se deslocar em construções interrogativas:

Alemão – V2

- (5) (a) Ich *las* schon letztes Jahr diesen Roman.
eu ler já passado ano este livro
'Eu já li este livro no ano passado'
- (b) Diesen Roman *las* ich schon letztes Jahr.
este livro ler eu já passado ano
'Eu já li este livro no ano passado.'

Nos dois casos acima, o constituinte à esquerda do verbo está topicalizado e o verbo está em C.

Em inglês, o movimento do auxiliar está condicionado ao movimento da palavra interrogativa.

- (6) (a) You will read what book?
(b) What book will you read?



EDIÇÃO Nº 13 – Volume I , JANEIRO
DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/11/2013

Assim como a palavra interrogativa, o tópico e o foco podem ser movidos, dependendo dos traços dos núcleos funcionais correspondentes.

O tópico, no exemplo abaixo aparece no início da oração para onde foi movido. Ele é destacado da oração por meio de uma entoação – uma pausa – e expressa informação velha – aquela compartilhada pelo falante e o ouvinte.

(7) Your book; you should give t_i to Paul (not to Bill).

O foco também pode ocorrer preposto, mas carrega acento focal e introduz informação nova.

(8) YOUR BOOK you should give t to Paul (not mine).

No exemplo acima, o foco é de contraste (seu livro, não o meu) e ocupa uma posição no início da oração.

A resposta para uma interrogativa envolve foco – informação nova – mas não foco de contraste.

O foco em certas línguas pode ficar *in situ*. Isso ocorre em italiano, onde o elemento focalizado permanece em sua posição de base, recebendo apenas acento de foco.

(9) Ho letto IL TUO LIVRO (non suo).

Tanto o tópico quanto o foco podem ser marcados por partículas, geradas nos núcleos de seus respectivos sintagmas.



EDIÇÃO Nº 13 – Volume I , JANEIRO
DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/11/2013

Segundo Rizzi e Cinque (1990), as estruturas de tópico admitem um pronome resumptivo.

(10) *Il tuo libro, lo ho comprato.*

Pode haver vários tópicos na mesma oração.

(11) *Il libro, a Gianni, do mani Glielo darò senz'altro*

o livro a Gianni amanhã lhe-lo dar com certeza

'O livro, a Gianni, amanhã, lhe o darei com certeza'

O tópico pode co-ocorrer com um sintagma interrogativo:

(12) *A Gianni, che cosa gli hai detto?*

A Gianni, que coisa lhe há dado?

Observe que, nesse caso, o tópico deve preceder o elemento interrogativo.

De acordo com Rizzi, o tópico envolve um operador. O elemento com o estatuto de foco tem uma natureza distinta do tópico. O foco não admite resumptivo, segundo o autor:



EDIÇÃO Nº 13 – Volume I , JANEIRO
DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/11/2013

(13) * *IL TUO LIBRO lo* ho comprato (non il suo).

Só deve haver um foco por oração:

(14) * *A GIANNI IL LIBRO darò* (non a Pietro, l'articolo)

A Gianni, o livro, darei.

O foco não coocorre com palavras interrogativas:

(15) * *A GIANNI che cosa hai detto?* (não a Pedro)

A Gianni, que coisa deu? (não a Pedro)

Enquanto o tópicus envolve um operador anafórico, o foco envolve uma variável. É por isso então, que o foco não pode ocorrer com um sintagma interrogativo que também envolve uma variável.

Em coreano, Choe (1995), todavia, alega que vários tipos de constituintes podem ser focalizados. Argumentos, adjuntos, advérbios e predicados podem ocorrer com a partícula de foco. Além disso, pode haver em Coreano deslocamento de foco a longa distância.

(16) KU SI-NUN swuni-ka [chelswu-ka ssesstako] mit-nunta



EDIÇÃO Nº 13 – Volume I , JANEIRO
DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/11/2013

o poema-foco Swuni-suj Chelswu-suj escrever-passado acreditar-pres

O POEMA, Swuni acredita que Chelswu escreveu.

Na seção seguinte será tratada a proposta de Rizzi sobre a existência de mais uma projeção na periferia esquerda da oração: o sintagma interrogativo.

3.1. O Sintagma Interrogativo

A partir da observação das diferentes distribuições dos complementizadores “que” e “se”, Rizzi (1999) postula a existência de: IntP (Interrogative Phrase / Sintagma Interrogativo).

De acordo com o autor, “che” do italiano introduz orações declarativas, ao passo que “se” introduz perguntas sim/não subordinadas.

As diferentes posições ocupadas por cada um desses complementizadores levou Rizzi a perceber que eles ocupam núcleos funcionais distintos na oração.

Enquanto ambos precedem um elemento em foco, “che” deve preceder um tópico, mas nunca segui-lo. Já “se” pode tanto preceder quanto seguir o elemento em tópico. Os dados abaixo ilustram essa distribuição:

(17) Credo *che* a Gianni, avrebbero dovuto dirgli la verità.

Creio que, ao Gianni, eles deveriam ter lhe dito a verdade.

(18) * Credo, a Gianni *che* avrebbero dovuto dirgli la verità.

Creio, ao Gianni, que eles deveriam ter lhe dito a verdade.

(19) Mi domando *se* questi problemi, potremo mai affrontarli.

Me pergunto se estes problemas, nós poderemos abordá-los.



EDIÇÃO Nº 13 – Volume I , JANEIRO
DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/11/2013

(20) Mi domando, questi problemi, se potremo mai affrontarli.
Me pergunto estes problemas se poderemos abordá-los.

“Se” pode então, preceder, mas não seguir um elemento em foco. No caso do tópico, “se” pode precedê-lo ou segui-lo.

Como “che” se encontra em Força, ele pode preceder tanto o tópico quanto o foco.

Essa diferença na distribuição desses complementizadores levaram Rizzi a observar que “se” está em uma posição distinta de “che”, posição essa mais baixa do que a de ‘che’ e do que a posição de tópico. Com base na observação dessa distribuição, o autor postula a ocorrência dos seguintes núcleos funcionais para a periferia esquerda da oração:

(21) Força (TOP) INT (TOP) FOC (TOP) FINP

O espanhol é uma língua que admite a manifestação dos dois tipos de complementizadores na mesma oração. Tal fato indica que cada complementizador está ocupando um núcleo funcional diferente.

(22) Me preguntaram que si tus amigos ya te visitaron em Granada.

Apesar de haver a categoria IntP, Rizzi assume, com base na impossibilidade de coocorrência de sintagmas QU e FOCO, que os primeiros se deslocam para [Spec, FocP]. Assim, se explica a incompatibilidade de coocorrência em italiano, dessas duas categorias na mesma oração:



EDIÇÃO Nº 13 – Volume I , JANEIRO
DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/11/2013

(23) *Che cosa A GIANNI hanno detto (non a Piero)?

O que, ao Gianni, eles disseram (não ao Pedro)?

Concluiu-se aqui que a posição ocupada pelos constituintes na periferia esquerda da oração oferece pistas para a localização estrutural dos outros constituintes oracionais dentro da camada flexional.

A investigação sobre a periferia esquerda da oração envolve um estudo sobre as construções de tópico, de foco e as interrogativas. Sendo assim, o restante deste artigo é dedicado ao estudo de uma tipologia de estruturas interrogativas, sugerida por Cheng (1997).

4. A Hipótese do Tipo de Oração

Cheng (1997) sugere uma tipologia para as línguas naturais relacionada à ocorrência de Qu *in situ* ou de movimento de Qu. A autora propõe a hipótese da classificação do Tipo de Oração (*Clausal Typing Hypothesis*) segundo a qual os vários tipos de oração (interrogativa, declarativa, quotativa etc.) devem ser identificados de alguma maneira.

No caso das orações interrogativas, Cheng sugere que elas podem ser identificadas ou por uma partícula interrogativa ou pelo movimento do sintagma interrogativo para [Spec, CP].

As línguas que apresentam uma partícula interrogativa, como o japonês e o chinês, não possuem movimento de QU. Isto é, todas as suas interrogativas são *in situ*. Tal constatação pode ser observada nos dados do chinês, língua SVO, em que o sintagma interrogativo ocorre *in situ* e que exibe uma partícula interrogativa.



EDIÇÃO Nº 13 – Volume I , JANEIRO
DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/11/2013

- (24) Qiaofong mai-le sheme me
Qiaofong comprar-asp o que int.

‘O que Qiaofong comprou?’

A partícula interrogativa nas línguas com QU- *in situ* se manifesta nas perguntas sim/não e pode também aparecer nas interrogativas QU, como ilustra o exemplo acima. A sua função é classificar a oração como interrogativa. Ela é gerada no núcleo de CP – em C^o.

Como é a partícula que indica que a sentença é interrogativa, não é possível haver movimento de QU. Movimento de interrogativas só é motivado pelo *Clausal Typing Hypothesis*. Isto é, o movimento de QU só ocorre se não houver outro meio de identificar a oração como interrogativa. Se existem partículas interrogativas, não há necessidade para movimento porque estas já cumprem a função de identificar o tipo de oração. Se a língua não tem partícula interrogativa, então o movimento de palavra QU se faz necessário, para que a oração tenha o seu tipo identificado.

De acordo com Cheng, a coocorrência da partícula interrogativa com sintagmas QU- é justificada pelo fato de o sintagma interrogativo ser um pronome indefinido, como “alguém, algo” etc. O indefinido é destituído de força quantificacional. A partícula é empregada então, com a finalidade de emprestar ao indefinido a força quantificacional.

Através da observação dos dados de línguas com tais partículas, Cheng propõe a seguinte generalização:

- (i) As línguas com Qu *in situ* possuem partículas Qu. Línguas com partículas Qu são línguas com Qu *in situ*.

Nesse tipo de línguas, não se verifica movimento sintático de palavras interrogativas.

As línguas sem partículas interrogativas exibem movimento sintático de Qu. A identificação da oração como interrogativa é feita na Estrutura-S, após o deslocamento da palavra interrogativa.



EDIÇÃO Nº 13 – Volume I , JANEIRO
DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/11/2013

Quando isso ocorre, C^o adquire o traço [Qu] por estar em uma relação de concordância de Spec-núcleo. C^o é o núcleo e o sintagma interrogativo está em [Spec, CP]. Nessas línguas, as palavras interrogativas nunca são ambíguas entre uma leitura indefinida e uma leitura interrogativa. Elas são sempre interpretadas como interrogativas. Dentre essas línguas estão o inglês e o francês.

A Clausal Typing Hypothesis faz as seguintes previsões:

- (i) Nenhuma língua tem partícula sim/não e movimento de Qu.
- (ii) Nenhuma língua tem a opção de usar ao mesmo tempo uma partícula e movimento de QU- para assinalar uma sentença como interrogativa.
- (iii) Nenhuma língua move mais de uma palavra interrogativa para identificar uma oração como interrogativa.

Existem línguas que parecem constituir contraevidência para a proposta de Cheng. Este é o caso do árabe-egípcio.

Em árabe-egípcio há aparentemente deslocamento de QU- e também há partícula interrogativa. O complementizador dessas interrogativas também se manifesta em relativas e clivadas, mas não nas orações subordinadas. Nestas, ocorre um morfema distinto na posição de complementizador.

Cheng observou que em árabe-egípcio, os efeitos de ilha sintática eram os mesmos que ocorriam nas interrogativas e nas clivadas. Com base em tais evidências empíricas, Cheng propôs a existência de dois tipos de orações interrogativas em línguas como o árabe: (a) as interrogativas com QU- *in situ*; (b) e as interrogativas derivadas de orações clivadas reduzidas. Estas últimas têm o elemento QU- gerado na base e não deslocado por movimento sintático.

A análise de Cheng não dá conta de línguas como o PB, conforme sugere Grolla (2000), já que esta língua possui estruturas com QU- *in situ*, mas não manifesta partículas interrogativas. Além disso, como o PB também apresenta construções com movimento de QU-, não deveria ter Qu *in situ*. Conforme salienta Grolla (:81): "... na teoria de Cheng, o PB não se qualifica nem como língua de QU- *in situ* nem como língua de movimento de QU."



EDIÇÃO Nº 13 – Volume I , JANEIRO
DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/11/2013

Grolla traduz a proposta de Cheng em termos de traços fortes e fracos. Para a autora, no PB, C^o tem traços [QU] opcionalmente fortes. Quando fortes, o sintagma interrogativo é deslocado. Quando fracos, obtém-se *Qu in situ*.

A investigadora tenta ainda manter a generalização de Cheng, ao sugerir que a existência de estruturas com prozinho especial caracterizam o PB como uma língua com *Qu in situ*. As construções com prozinho especial manifestam um DP, em vez de um PP, em posição de tópico ou na posição de palavra interrogativa, associado a um argumento nulo que envolve, quando realizado fonologicamente, uma preposição. Os exemplos abaixo ilustram esse tipo de construção:

(25) *Chocolate*, eu gosto.

(26) *O que* você gosta?

Como se pode observar nos dados acima, se o elemento à esquerda tivesse sido movido da posição de complemento por meio de uma operação sintática, ele deveria ser um PP, já que o complemento do verbo “gostar” é um PP:

(27) De chocolate, eu gosto.

(28) Do que você gosta?

As estruturas com prozinho especial envolvem a geração na base do DP à esquerda na oração. Esse DP está vinculado de alguma maneira a essa categoria vazia. É, então, a presença do [pro especial] que licencia um DP, em vez de um PP, nessas construções. Essas estruturas fornecem pistas para as crianças em fase de aquisição, de que a sua língua admite QU- *in situ*. prozinho especial exerce, então, a função das partículas interrogativas em PB.

Conclusão



EDIÇÃO Nº 13 – Volume I , JANEIRO
DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/11/2013

Foi visto que se postula, na literatura, um constituinte funcional à esquerda da oração. Este constituinte pode estar dividido em mais de uma projeção funcional, conforme propõem os adeptos da abordagem cartográfica, como Rizzi.

O estudo sobre a composição funcional interna do sintagma complementizador se faz necessário, na medida em que pode nos ajudar a entender a natureza das estruturas interrogativas, e assim, a entender também a variação oracional observada em diversas línguas naturais.

Referências Bibliografia

CHENG, L. L. S. (1997). *On the Typology of Wh- Questions*. Nova Iorque, Garland.

CHOMSKY , Noam. (1981) *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris.

CHOMSKY, N. (1993). *A Minimalist Program for Linguistic Theory*. In: Kenneth, H. & S. J. Keyser (eds). *The View From Building 20*. Cambridge: MIT Press.

CHOMSKY, N. (1995) *The Minimalist Program*, MIT Press, Cambridge, Mass.

CHOMSKY, N. (2000) “Minimalist Inquiries: The Framework”, MIT.

CINQUE, G. (1990) *Types of A' Dependencies*, MIT Press, Cambridge, Mass.



EDIÇÃO Nº 13 – Volume I , JANEIRO
DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/11/2013

GROLLA, E. (2000). *A aquisição da periferia esquerda da sentença em português brasileiro*. Dissertação de Mestrado. Campinas: Unicamp.

JANG, Y. (2000). *The Minimalist Program: an Introduction*. Universidade Chung-Ang. Ms.

KANDYBOWICZ, Jason. (2006). *Comp-trace Effects Explained Away*. In Donald Baumer, David Montero, and Michael Scanlon (eds.), *Proceedings of the 25th West Coast Conference on Formal Linguistics*, 220-228. Somerville, MA: Cascadilla Press.

KAYNE, R. (1994) *The Antisymmetry of Syntax*, MIT Press, Cambridge, Mass.

KAYNE, R. (2001). *Pronouns and Antecedents*. New York University.

POLLOCK, J.-Y. (1989) "Verb Movement, Universal Grammar and the Structure of IP," *Linguistic Inquiry* 20:3, 365–424.

RIZZI, L. (1990). *Relativized Minimality*, MIT Press, Cambridge, Mass.

RIZZI, L. (1991). *Residual Verb Second and the Wh-criterion*. Technical Report 2, Université de Genève.

RIZZI, L. (1997). "The fine structure of the left periphery . In : Haegeman, L (ed.) *Elements of Grammar*. Dordrecht: Kluwer.



EDIÇÃO Nº 13 – Volume I , JANEIRO
DE 2014
ARTIGO RECEBIDO ATÉ 10/09/2013
ARTIGO APROVADO ATÉ 10/11/2013

RIZZI, L. (1999). *On the position “Int(errogative) in the Left Periphery of the Clause”*. Universidade de Siena. Ms.

RIZZI, L. (2004). “Locality and Left Periphery”. In: Belletti, A. (ed). *Structures and beyond: The Cartography of Syntactic Structures*. Vol. 3 Oxford: Oxford University Press.

RIZZI, L. (2004a). “Locality and Left Periphery” In: RIZZI, L. (ed.). *The structure of CP and IP – The cartography of syntactic structures*. vol. 2. Oxford, Oxford University Press.

RIZZI, L. (2004b). “On the cartography of syntactic structures”. In: BELLETTI, A. (ed). *Structures and Beyond. The cartography of syntactic structures*. vol. 3. Oxford, Oxford University Press.